

A cerâmica waiwai: transformações e continuidades*

Cooni WaiWai**
Camila Pereira Jácome***

WAI WAI, C.; JÁCOME, C.P. A cerâmica waiwai: transformações e continuidades.
R. Museu Arq. Etn. 37: 204-229, 2021.

Resumo: Este trabalho apresenta algumas reflexões sobre as transformações e continuidades técnicas do modo de fazer cerâmica das oleiras da etnia WaiWai. O estudo de caso foi feito na aldeia Mapuera, situada no rio Mapuera, afluente da margem direita do rio Trombetas, no município de Oriximiná/PA. Por meio de levantamento e registro, vamos estudar a transformação ao longo do tempo, desde os anos 1940 (século XX) até os dias atuais, de como as mulheres de diferentes grupos, atualmente alcunhados de WaiWai, fazem a cerâmica.

Palavras-chaves: Cerâmicas; Mulheres; WaiWai; Etnoarqueologia.

Introdução

Este artigo apresenta algumas reflexões sobre os modos de fazer cerâmica das etnias WaiWai, Xerew, Katwena e Hixkaryana que habitam a aldeia Mapuera.

* WaiWai se refere tanto a um etnônimo, quanto a um tipo cerâmico definido inicialmente por Evans & Meggers (1960) a partir de sítios da região das Guianas. Vários autores discutiram a respeito da complexidade do etnônimo WaiWai (Howard 2001; Caixeta de Queiroz 2008). Neste artigo tentaremos um caminho semelhantes para falar sobre as cerâmicas "waiwai". Outra questão é sobre a grafia da palavra. Optamos aqui por escrever WaiWai em separado, como grafam os próprios indígenas, mas ao longo da bibliografia veremos que muitos autores grafaram com um único vocábulo: Waiwai. Quando utilizarmos o termo em maiúsculo, estamos nos referindo ao substantivo povo/etnia, e em minúsculo, usando como adjetivo: língua waiwai, cerâmica waiwai etc.

** Bacharel em Arqueologia pela Universidade Federal do Oeste do Pará (PAA-Ufopa). <cooniw@ gmail.com>

*** Professora do Programa de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará (PAA-Ufopa). <camilajacome88@ gmail.com>

Essa aldeia está situada no rio Mapuera, afluente da margem direita do rio Trombetas, no município de Oriximiná/PA, na Terra Indígena Nhamundá-Mapuera. Os WaiWai vivem em duas terras indígenas demarcadas, Nhamundá-Mapuera e Trombetas-Mapuera, abrangendo três estados do Brasil: Roraima, Pará e Amazonas (Fig. 1). Esses dois territórios são pluriétnicos (Caixeta de Queiroz 2008), etnônimos como WaiWai e Hixkaryana, por diversos motivos históricos e etnográficos, guardam uma diversidade enorme de etnias ou *yanas* (Grupioni 2015). Esses territórios são uma pequena fração do que era ocupado historicamente, e em que se movimentavam esses *yanas*, que circulavam entre o norte do Brasil (Roraima, Amazonas e Pará) e pelo sul da Guiana e Suriname (Caixeta de Queiroz 2008).

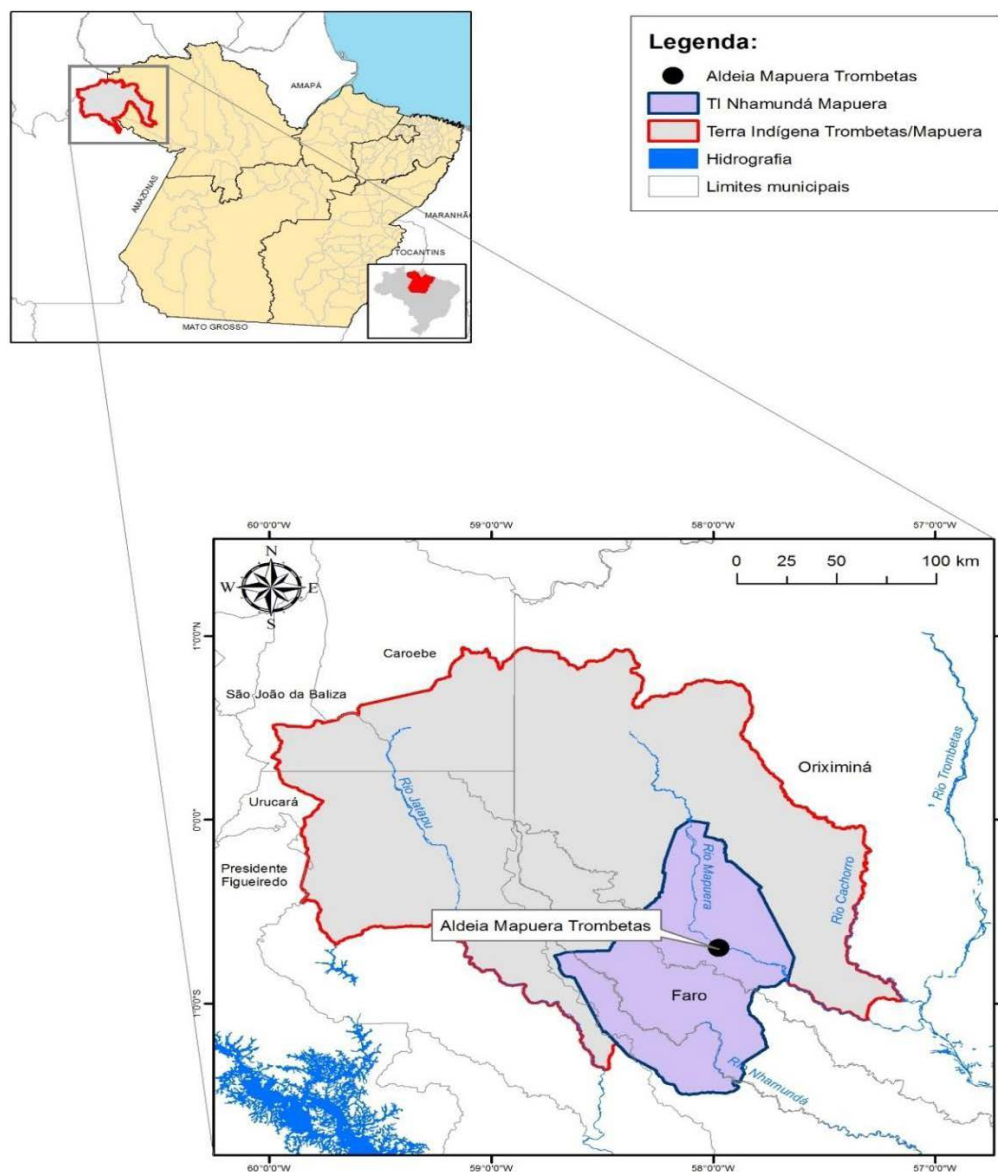


Fig. 1. Mapa com a localização das Terras Indígenas Nhamundá-Mapuera e Trombetas-Mapuera.

Fonte: adaptação feita por Rafael Monteiro a partir de mapas de terras indígenas da base da Funai (2018).

No final da década de 1940 (século XX), vários grupos que viviam nos rios Trombetas e seus afluentes foram contatados por missionários protestantes norte-americanos. As missões juntaram várias etnias diferentes em uma só aldeia. Além da aldeia Mapuera, no Brasil, outras aldeias-missões foram fundadas

pelos missionários, como Kanashen¹ na Guiana. O padrão tradicional das aldeias dos

1 Essa palavra foi traduzida pelos missionários como “Deus ama você” (Caixeta de Queiroz 2008), mas é uma apropriação linguística indevida, considerando que o termo “Deus” naquele momento ainda não fazia parte do vocabulário dos povos indígenas dessa região.

grupos dessa região do norte-amazônico é de comunidades pequenas formadas por uma ou poucas famílias (Gallois 2005; Rivière 2001). Atualmente, vivem na aldeia Mapuera 12 etnias diferentes: WaiWai, Hixkaryana, Mawayana, Xerew, Katwena, Tiriyo, Parikwoto, Minpoyana, Tikyana, Tunayana, Wapixana e Katxuyana.

A cerâmica waiwai foi estudada primeiramente pelo casal de arqueólogos estadunidenses Evans & Meggers (1960), e pelos etnólogos dinamarqueses Jean Yde (1965) e Niels Fock (1963). Entre 2010 e 2012, os arqueólogos André Prous e Camila Jácome fizeram pesquisas sobre cerâmica antiga e recente dos povos WaiWai no rio Mapuera (Glória 2017, 2019; Jácome 2011, 2017).

É importante também apresentar brevemente os(as) autores(as) deste texto para contextualização da pesquisa e suas opções metodológicas. Cooni WaiWai é filho de Edimilson Toori WaiWai, do povo Hixkaryana, e Cewciripi WaiWai, do povo Mawayana. Sua língua materna é a waiwai, mas entende e fala também Hixkaryana, Mawayana, Katuena e português. Nasceu na aldeia Kassawa (AM), mas cresceu na aldeia Mapuera (PA). Somente iniciou o ensino fundamental aos 12 anos, na aldeia Mapuera, mas teve que parar os estudos, pois não havia ensino médio na aldeia. Quando retomou os estudos teve somente professores *karaiwa* (brancos) que ensinavam em português. Entre 2009 e 2011, os pesquisadores André Prous e Camila Jácome foram fazer pesquisa arqueológica na sua aldeia. Essa experiência despertou seu interesse pela arqueologia. Em 2013, fez o Processo Seletivo Especial Indígena (PSEI) da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), que resultou na aprovação para o curso de Bacharelado em Arqueologia. Na Ufopa, a partir das disciplinas e dos diálogos com a sua orientadora Camila Jácome, surgiu o interesse de estudar a cerâmica waiwai e se houve modificações no modo de fazê-la depois que o povo teve contato com os missionários evangélicos.

A segunda autora, além de orientadora do trabalho de conclusão de curso de Cooni WaiWai (2019), pesquisa sobre as cerâmicas e paisagens arqueológicas da região do Trombetas e afluentes desde 2010 (Jácome 2011, 2017).

Sua pesquisa traz um diálogo entre narrativas arqueológicas e indígenas que envolvem as cerâmicas e os xamãs, assim como as paisagens e outras humanidades como os Okoimoyana (povo cobra grande). Atuando como professora da Ufopa, ela tem se dedicado também à política de ações afirmativas para estudantes indígenas e quilombolas.

O objetivo principal deste artigo é contribuir com a investigação da cerâmica waiwai, visto que já existe um entendimento dos *karaiwa* sobre esse assunto, todavia consideramos muito importante tratá-lo a partir do olhar de um arqueólogo e pesquisador indígena. O presente artigo está organizado do seguinte modo: primeiro, faremos uma contextualização sobre os WaiWai e sua história de conversão, depois sobre a cerâmica waiwai. Em seguida, exporemos a metodologia que norteou a pesquisa. A partir daí, trataremos dos resultados em dois momentos: primeiro com as entrevistas das ceramistas e depois com a análise da observação participante da produção cerâmica. Esses resultados serão discutidos a partir da bibliografia mencionada anteriormente, e finalizaremos o texto com alguns apontamentos para continuidade da pesquisa no futuro.

O evangelismo entre os Wai Wai

O etnônimo WaiWai se refere a diversos povos, que são majoritariamente de língua e cultura Karib, com exceção dos Mawayana, provavelmente de origem Arawak (Howard 2001). Entre os séculos XIX e XX, os WaiWai habitavam nos dois lados da fronteira Brasil/Guiana, delimitada pela serra Acari. Relatos apontam que havia trocas de objetos entre diferentes grupos indígenas desta região (Schomburgk 1840, 1848).

O dinamarquês Niels Fock (1963) fez uma incursão etnográfica nas aldeias do Essequibo. Quando esteve lá, registrou muitas informações sobre organização social, mitos e outros costumes, como dança e música. Outra etnografia importante sobre os WaiWai de Roraima e do rio Mapuera foi de Catherine Howard (2001), que além de trabalhar com os temas de organização social e cosmológica,

também observou a relação dos WaiWai com a igreja evangélica. Por fim, citamos Ruben Caixeta de Queiroz (1999, 2008), que além de filmagens de festas e rituais, fez detalhado registro sobre a origem de cada grupo.

A história do contato com os missionários evangélicos entre os WaiWai já foi escrita por diversos autores (Caixeta de Queiroz 2008; Howard 2001; Oliveira 2010). Neste artigo, vamos privilegiar outra narrativa do contato com os missionários do *Unevangelized Fields Mission*², baseada nas memórias de dois senhores: Kwarimna, da etnia Tarumã, e Israel Kanahma, que é Mawayana. Essa história foi transcrita para um trabalho feito em parceria entre Cooni WaiWai e Roque Yaxikma³.

Kwarimna e Kanahma contaram que, antigamente, o povo WaiWai morava numa aldeia chamada Kahximó (cachoeira grande), na cabeceira do rio Mapuera, porém, existiam aldeias WaiWai também na região da Guiana Inglesa que viviam isoladas. Outras etnias habitavam o rio Urukurin, um dos formadores do Mapuera, como por exemplo, os Mawayana que viviam abaixo do rio Ixamna, que significa rio Mapuera. Os WaiWai não ficavam muito tempo em um só local, eles andavam por vários lugares, eram nômades, e concentravam-se onde houvesse mais fartura de caça, pesca e frutas. Muitos anos depois, o povo WaiWai deixou suas aldeias no Brasil, mudando-se para a região da Guiana Inglesa, mas já havia outros povos WaiWai e de outras etnias que habitavam essa região, como os Wapixana e Tarumã, sendo esses últimos moradores da aldeia Erpoymo (“forno grande”). Tal povo já mantinha contato com os *karaywa*, que eram evangelizadores nessa aldeia e levavam para os Tarumã ferramentas como machados e terçados de ferro, para que esses indígenas desenvolvessem melhor e mais rápido suas atividades agrícolas.

2 A *Unevangelized Fields Mission* é uma organização paraeclesialística que trabalha em parceria com igrejas protestantes, mas estrutura-se independentemente delas (Oliveira 2010: 31).

3 Esses relatos foram coletados para o trabalho final da disciplina de Metodologia Científica da Ufopa.

Segundo relato do Kwarimna, os missionários chegaram primeiramente à aldeia Erpoymo, na região da Guiana. Depois que os moradores informaram que havia grupos de indígenas na aldeia Kahximó, o missionário Kmam foi atrás dos WaiWai, onde os povos estavam isolados. Caari, da etnia Wapixana, levou o missionário para mostrar os povos da Kahximó. Quando Kmam chegou à aldeia dos WaiWai, o jovem Ewka tinha 20 anos de idade (Fig. 2B). O primeiro cacique dos WaiWai foi Muywa – ele coordenava seu povo, sabia pajelança, curava doenças, comunicava-se com outros pajés e fazia tudo que seu povo precisava. Com o passar do tempo, as atividades que o cacique desenvolvia começaram a deixá-lo cansado e fraco, então escolheu o pajé Ewka para ser seu substituto. O novo pajé passou a liderar os WaiWai, e apesar de sua juventude, ele sabia sobre pajelança, tinha o conhecimento para curar doenças e se comunicava com os pais dos animais (Worokyam) e com os espíritos (*ekati*).

Na aldeia Kahximó, o pajé Ewka tinha *xurpana*⁴, uma casa feita de palha toda coberta e que somente ele poderia entrar – lá dentro havia alguns objetos para usar em seu trabalho. O velho Kwarimna não contou os nomes dos objetos que o pajé usava. Perguntei para ele: “Você sabe alguns dos objetos que pajé Ewka usava?” Ele respondeu: “Sim, mas isso não vou poder contar para você, porque isso é a coisa do Worokyam” (“demônio⁵, que eram animais transformados”), disse ele. Perguntei novamente: “Na aldeia Kahxiymo existia mulher ceramista?” E ele respondeu: “Existia sim, Tooci era ceramista naquela aldeia, ela fazia várias formas e tamanhos das cerâmicas”. Essa ceramista aparece no trabalho de Yde (1965), mas o autor grafou de forma errônea seu nome como Towchi (Fig. 2A).

4 Xurpana é um abrigo provisório feito de folhas de açaí, utilizado pelo *yaskomo* (pajé) para realizar viagens e curas espirituais. Após a finalização de seu trabalho, o abrigo é desfeito (Fock 1963).

5 O termo demônio só é agregado ao vocabulário WaiWai após o contato com os evangélicos, antes disso em geral usava-se o termo *kworokjami*, que poderia ser traduzido como espírito (Fock 1963; Howard 2001; Oliveira 2010).



Fig. 2A. Tooci.

Fig. 2B. Ewka.

Fonte: Foto A: Yde (1965: 172); Foto B: Dowdy (1963, apêndice fotográfico).

O missionário Kmam queria que os WaiWai aceitassem Jesus, e Ewka disse que iria ser o primeiro, com as seguintes palavras: “vou aceitar Jesus primeiro, pois se eu morrer ninguém mais deve aceitar esse *worokyam* (espírito)”, referindo-se ao Deus dos missionários. Quando ele aceitou, não aconteceu nada de ruim com ele, por isso, em seguida, outras pessoas aceitaram Jesus: Yakuta, irmão de Ewka, Mawaxa, Kirpaka e muitos outros. Depois que Ewka se converteu, algumas práticas de pajé, como aquela de se comunicar com o pai dos animais, foram sendo abandonadas. Ele inclusive abandonou seu *worokyam* (que era *ponko*, queixada porco do mato) e foi mudando para outra vida. O missionário Kmam levou os WaiWai e convidou outras etnias, como os Hixkaryana e Mawayana, para irem morar na Guiana.

Os missionários norte-americanos, Hawkins, Nilo Jaime e Roberto Kmam, chegaram em 1949 à região da Guiana Inglesa para procurar os habitantes daquele lugar. A viagem deles foi feita de canoa, apesar das dificuldades, pois os rios eram repletos de cachoeiras, corredeiras e troncos caídos que dificultavam a chegada até as aldeias WaiWai. Essa viagem seria muito importante, pois iriam visitar alguns povos que estavam em guerra e que poderiam atacá-los, surgindo

subitamente de seus esconderijos. Ainda na aldeia, Ewka alertou os missionários sobre os perigos da onça e flecha. Por isso, precisavam de voluntários corajosos, que não temessem dificuldades, pois dessa vez seriam maiores os desafios da viagem. Ewka informou sobre as várias etnias que ainda viviam isoladas, como a dos Katwena, dos Xerew, dos Tunayana e dos Karapawyana. Informou também que havia muitas dificuldades para chegar até esses povos.

A cerâmica wai wai

Os primeiros estudos feitos sobre a cerâmica waiwai foram do casal de arqueólogos norte-americanos Evans & Meggers (1955, 1960) na década de 1960, escavadas e coletadas em sítios arqueológicos que eram antigas aldeias abandonadas pelos WaiWai da região do Alto Essequibo, na Guiana. Essa pesquisa foi feita em duas aldeias antigas, Erpoymo e Kurwa Mututu. A escavação do sítio arqueológico demonstrou um pacote de ocupação raso e coletou somente 489 fragmentos das cerâmicas, que foram analisados. Eles classificaram essa cerâmica em três tipos diferentes: Erpoymo simples, Erpoymo inciso e Erpoymo pintado, estabelecidos a partir dos poucos fragmentos com decoração, sendo que a maioria era simples (Fig. 3).

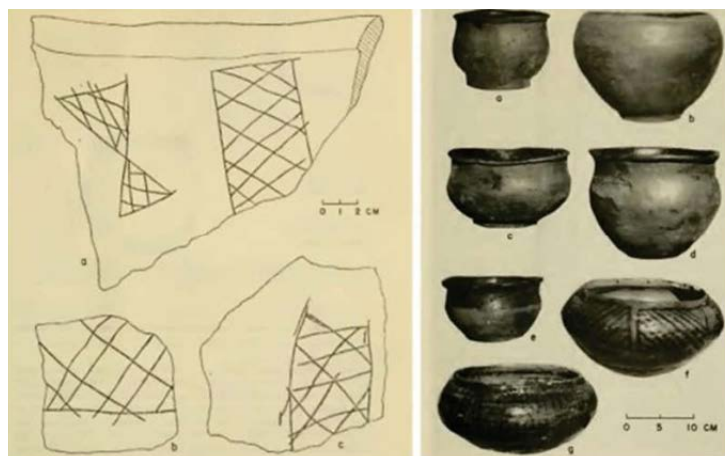


Fig. 3. As formas das cerâmicas waiwai.

Fonte: Evan & Meggers (1960) a partir de Jácome (2017).

É importante também apresentarmos a fase Tarumã, que também foi definida na Guiana Inglesa por Evans & Meggers (1960). Essa fase é atribuída ao grupo indígena homônimo, que segundo os autores já seriam desaparecidos, sendo a área do Alto Essequibo um vazio geográfico que foi ocupado pelos WaiWai que vieram do Brasil. No entanto, Frikel (1958) propõe que os Tarumã, juntamente com os Parukoto, teriam se juntado, e esse grupo ficado conhecido como WaiWai.

A descrição da fase Tarumã foi feita a partir da pesquisa arqueológica em sítios que seriam aldeias (24) e áreas de roçado (11). Ao todo, foram coletados 14 mil fragmentos cerâmicos, com a presença de decoração em apenas 8%. Os fragmentos simples foram classificados em três categorias somente de acordo com o tipo de antiplástico: (1) *Kallunye simples*: composto por quartzo e areia fina; (2) *Mawiká simples*: composto por caraipe em diferentes proporções, (3) *Yochó simples*: composto por grandes partículas de granito decomposto, quartzo e mica (Fig. 4).

A cerâmica Tarumã (Evans & Meggers, 1960)

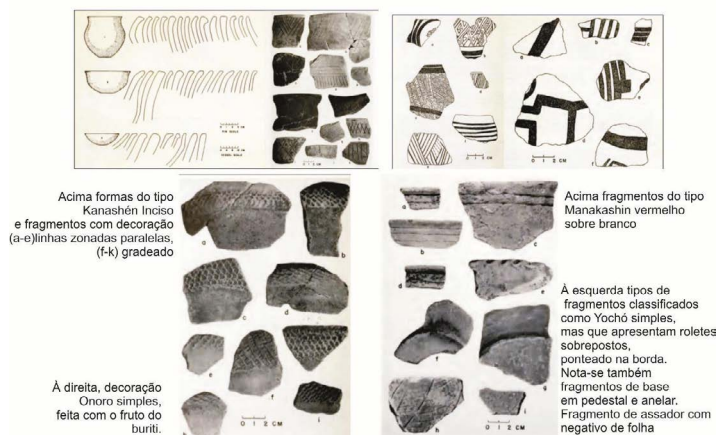


Fig. 4. Cerâmica tarumã.

Fonte: Prancha digitalizada por Camila Jácome a partir de Evans & Meggers (1960).

Jean Yde (1965) descreveu detalhadamente como eram feitas as cerâmicas pelas mulheres waiwai naquele tempo. No geral, o autor observou os tipos de uso da vasilha waiwai, que são: panelas de cozinhar (*tahrem wooto tîyotopo*), recipientes para beber (*parakwe wooku yetopo*) e panelas para armazenar bebidas (*tahrem wooku yen*), suporte para panelas nas fogueiras (*cehyakata*) e assador de beiju (*erpo*). Ele também percebeu pequenas diferenças nas formas de acabamento e de decorações dos artefatos entre etnias como Hixkaryana, WaiWai, Mawayana e Xerew.

Yde relata que um dos lugares de onde se tirava argila ficava perto da aldeia Wiira Thîrî (“lugar de paca”), no Alto Essequibo. O barro era encontrado em pequenos igarapés, sendo necessário cavar 60 cm, preferencialmente na estação da seca. Os homens retiravam esse material com um bastão e colocavam sobre uma folha de palmeira para secar. Depois de

seco, era transportado para a casa, e o processo de limpeza da argila era feito manualmente. Em seguida, misturavam cinza da casca de árvore queimada (*kwepi* em waiwai), que deixava a massa com uma cor escura. Os rolos, de 30 a 40 cm de comprimento, eram feitos com as palmas das mãos.

O primeiro rolete era colocado em volta do disco da base da vasilha. quando havia quatro ou seis voltas de roletes, começava a raspagem com pedaço de cuiá (*waraxpitu*) na parte externa e interna da vasilha. Na parte interna da vasilha, elas faziam os movimentos em diversas direções. No alisamento de vasilhas pequenas, a ceramista permanecia segurando com as mãos; já nas panelas grandes, ela as movimentava ao redor da vasilha. Quando o alisamento terminava, deixavam secar por de cinco a seis dias em casas abertas. As imagens da Fig. 5 ilustram esse processo.





Fig. 5A. Roletes dispostos por Tooci.

Fig. 5B. Tooci coloca os roletes e alisa, notar o fragmento de cuia dentro da vasilha.

Fig. 5C. Alisamento interno com cuia.

Fig. 5D. Vasilhas prontas secando.

Fig. 5E. Folha de palmeiras queimando na parte interna do pote no processo de aplicação da resina.

Fig. 5F. Queima dos potes em fogueira cônica de lenha e cascas.

Fontes: Yde (1965).

Depois de secas, as peças eram levadas para o local da queima (Fig. 5E). As vasilhas pequenas eram queimadas todas juntas, e as grandes, individualmente. A casca da árvore *Marawa picho* era usada para a queima, a ceramista cobria os potes formando um cone. A queima das cerâmicas levava, em média, duas horas. Os potes nunca apresentavam fuligem na superfície após a queima.

Sobre as cerâmicas encontradas no rio Trombetas, na porção baixa há inúmeros sítios com a cerâmica Konduri e Espinha de Peixe (Guapindaia 2008; Guapindaia & Lopes 2011; Hilbert 1955). A ocupação mais antiga, representada pela cerâmica Pocó, tem menor densidade e ocorre em sítios isolados ou com sobreposição de cerâmica Konduri (Guapindaia 2008; Hilbert & Hilbert 1980).

Já acima de Cachoeira Porteira, as ocupações ficam mais diversas e complexas. Nos sítios do rio Mapuera (Glória 2019; Jácome 2017) aparentemente há uma modificação gradual na medida que se sobe o rio. Os sítios do baixo Mapuera apresentam cerâmica konduri e Espinha de Peixe, sem indícios de ocupação Pocó, mas nesses sítios há também

há cerâmica tarumã (Boomert 1981; Evans & Meggers 1960). Já no médio Mapuera, além desses três tipos mencionados, há também cerâmicas rupununi, waiwai e koriabo (Boomert 2004; Evans & Meggers 1960). Essa diversidade fica mais complexa devido à mistura de atributos técnicos entre essas diferentes cerâmicas, havendo dificuldade de distinguir camadas de ocupação arqueológica específica de um tipo cerâmico (Glória 2019; Jácome 2017).

Metodologia

Esta pesquisa inicia-se a partir de revisão bibliográfica da cerâmica waiwai e da região do Trombetas (Evans & Meggers 1960; Jácome 2011, 2017; Yde 1965). O trabalho de campo consistiu em uma abordagem etnoarqueológica (Silva 2009) baseada em observação participante e entrevistas semiestruturadas (WaiWai 2019).

O objetivo principal foi comparar as formas de fabricação da cerâmica entre quatro mulheres de diferentes etnias (WaiWai, Katwena, Xerew e Hixkaryana), moradoras da Aldeia Mapuera (Quadro 1), escolhidas por seu

grande conhecimento sobre cerâmica. Outro objetivo foi o de comparar como as mulheres waiwai faziam cerâmica antigamente e como fazem na atualidade, e para isso, usamos como referência os textos de Evans & Meggers (1960) e Jean Yde (1965).




O trabalho de campo foi feito em duas etapas. A primeira se realizou em maio de 2017, quando documentamos as entrevistas e acompanhamos as mulheres nas atividades de produção cerâmica (Quadro 1), e a segunda entre janeiro e fevereiro de 2019, em que demos continuidade à observação da produção cerâmica e coleta de materiais. Tudo foi registrado por meio de anotações, fotos, vídeos e áudio. Para

melhor organizar os dados coletados, criamos um banco de dados no Microsoft Excel para trabalhar com a diversidade de informações levantadas em campo.

O formulário de entrevista foi feito em língua waiwai⁶ abordando as seguintes questões:

1. Como a cerâmica é feita, qual é sua técnica construtiva?
2. Como é o processo de fazer cerâmica na sua etnia?
3. Como vocês chamam os utensílios (panela, tigela e outros) e as pinturas na sua etnia?
4. Quais as diferenças entre os modos de fazer cerâmica de hoje e de antes do contato com os missionários evangélicos?

MULHERES ENTREVISTADAS DA ALDEIA MAPUERA

Nome	Idade (aproximada)	Povo/etnia	Foto
Eliane Acikawara	76 anos	Katwena	
Wereru	81 anos	Xerew/Katwena	
Elisa Mooyo	75 anos	WaiWai	
Maria Rosa	80 anos	Hixkaryana	Não há registro fotográfico da ceramista

Quadro 1: nome, idade, etnia e imagem das oleiras entrevistadas em 2017.

Fonte: Elaborado pelos autores.

⁶ As entrevistas foram transcritas em português para auxiliar o debate entre a orientadora e o discente.

O segundo trabalho de campo, em 2019⁷, nos possibilitou acompanhar as atividades de coleta das matérias-primas que são utilizadas na fabricação das cerâmicas, como argila, caraiapé, resina, tinta etc. O acesso aos locais de coleta desses materiais foi difícil, em alguns fomos de canoa a motor e em outros a pé, saindo de manhã cedo e retornando somente por volta das cinco horas da tarde. Esse campo teve o apoio da família de Cooni WaiWai, em especial seus pais (Cewciripi e Edimilson Toori) e irmãos (Vanderson Toori e Ivete), para a coleta da matéria-prima, e acompanhamos a ceramista Celestina Wapu WaiWai nas etapas de confecção de algumas vasilhas.

Análise dos resultados de campo

Na aldeia Mapuera, poucas mulheres ainda se dedicam a fazer cerâmicas, e as que o fazem, em geral, são idosas. Atualmente, as mulheres mais novas não têm muito interesse nesse aprendizado, de acordo com as entrevistadas. Antigamente esse era um conhecimento comum entre as mulheres, mas, após o contato com os missionários *karaiwa*, foi sendo abandonado, devido ao uso das painéis de alumínio. As mulheres alegam que além da maior durabilidade, as painéis de alumínio são mais leves e fáceis de manipular no dia a dia. Além disso, não precisam ser construídas por um processo trabalhoso e que demanda certo tempo. As entrevistadas avaliam que após a chegada das painéis trazidas pelos missionários, um conhecimento muito importante e disseminado, que passava por gerações, foi sendo enfraquecido. As ceramistas também expressam que não querem que esses conhecimentos ancestrais desapareçam.

As mulheres também apresentaram falas muito semelhantes⁸ no que diz respeito ao

processo de produção da cerâmica, já que as quatro entrevistadas são reconhecidas na aldeia como boas ceramistas. Maria Rosa aponta que na aldeia Mapuera, as profissionais da cerâmica são Wereru, Kutasa, Amaciwi, Poowa, Wockana e Mooyo. Todas contam que aprenderam a fazer com suas mães e avós, exceto Wereru, que diz ter aprendido sozinha, a partir de sua própria inteligência. As ceramistas também mencionam a dificuldade que têm hoje para trabalhar a argila, principalmente para obter todos os materiais necessários. Elas também mencionam que o próprio trabalho em si pode parecer fácil, mas trata-se de uma tarefa cuidadosa, que articula muitos conhecimentos. Eliane Acikawara faz uma breve descrição da cadeia operatória:

Existem também dois tipos de argila que são: a argila de cor amarela (cexewekem) e argila meio roxa (pixko weti ou tiswayem). Primeiro, misturo a casca da árvore queimada com argila, amassando até a massa ficar pronta. Depois, faço rolos compridos na tábua. Depois de todo esse procedimento, vou utilizar água e cuia. A água é para molhar um pouco a argila e o pedaço de cuia é para raspar. Por último, vou fazer a borda, e assim por diante. Quando termino a construção do pote, deixo secar de três a cinco dias. Depois da secagem, faço o alisamento da cerâmica com a semente de marpa yatho (semente de injá), esfregando até ficar bem liso. Em seguida, irei começar a queimar com a casca da árvore chamada marawa picho. Depois da queima, vou começar a fazer desenhos na cerâmica com a tinta do yarka yehkuru, em língua waiwai (WaiWai 2019: 35).

Um tom em comum entre as quatro é o lamento do abandono do conhecimento e do seu uso no cotidiano. Elisa Mooyo, da etnia WaiWai, diz: “Atualmente, nossa família WaiWai está deixando a cultura. Antigamente, a gente usava muitas painéis de barro, hoje em dia não vejo mais usar as painéis” (WaiWai 2019: 41).

A partir da análise das entrevistas completas e conversas informais com as ceramistas e participação de Cooni WaiWai nas atividades da produção cerâmica, apresentaremos dados

7 Essa viagem foi realizada com o auxílio financeiro de Meliam Gaspar, pesquisadora do MAE-USP, que também estuda a cerâmica de grupos Karib (Gaspar 2019).

8 As entrevistas estão transcritas no capítulo 3 do trabalho de conclusão de curso de Cooni WaiWai (2019).

mais específicos e detalhados da produção cerâmica waiwai. Para organizá-los melhor, apresentamos: (1) coleta e preparação de matérias-primas; (2) processo de manufatura; (3) queima; (4) decoração e acabamento das vasilhas e (5) formas das vasilhas.

Coleta e preparação de matérias-primas

A extração da argila é realizada por homens e mulheres. Os homens podem trabalhar na retirada dos materiais e na produção da massa de argila. Eles também podem carregar as peças que vão ser queimadas e pintar as vasilhas (caso tenham muitas peças), mas a construção dos utensílios é um trabalho exclusivo das mulheres.

A argila ideal para a produção é encontrada em dois igarapés fora das aldeias. O igarapé da Pimenta (*Asísí yewku*), que fica abaixo da aldeia Mapuera, a aproximadamente 2 km de distância; e o igarapé da Minhoca (*Karwa Yewku*), que fica 4 km acima da aldeia (Fig. 6). Os locais são acessados via canoa motorizada e/ou a pé. Nós fomos informados por Txuruwayana, conhecido como Miico, morador da aldeia Mapuera, que há três tipos de camadas nas fontes de argila. Ele disse: “quando você retira Ermó (argila), primeiro você pode limpar o local e retirar todas as folhas da superfície, depois retire o barro misturado com areia fina e grossa e a terceira camada você encontra Ermó” (WaiWai 2019: 30). A terceira camada é a ideal para fazer a cerâmica.



Fig. 6A, 6B, 6C, 6D. Coleta de argila no igarapé da Pimenta.
Fonte: Vanderson Toori (2019).

A coleta do caraipé e materiais para acabamento e decoração foi feita a partir de caminhada saindo de Mapuera, por cerca de 4 a 5 quilômetros dentro da mata fechada. Houve muita dificuldade de encontrar esses materiais porque as árvores são muito semelhantes e na mata fechada a identificação fica mais difícil. Somente após Edimilson Toori ter reconhecido a folha da árvore é que se coletou a resina

yarka yepu (nome da árvore). O leite do *yarka* é um líquido amarelo e sem cheiro, utilizado na produção de tinta. De volta pelo caminho, encontraram outra árvore, chamada *kwepi yepu*, e a casca da árvore *kwepi picho* é o que é conhecido como caraipé em português.

As figuras 7A, 7B e 7C ilustram a árvore do *kwepi* (caraipé), e a figura 7D mostra a *yarka yepu* (tinta da árvore).



Fig. 7A, 7B, 7C. árvore *kwepi yepu*.

Fig. 7D. Leite da *yarka yepu*.

Fonte: Cooni Wai Wai (2019).

O *kwepi* é preparado na aldeia, com a casca sendo colocada no sol para secar por no máximo uma semana. Após a secagem, a casca é queimada, torrada no pilão e coada na peneira, transformando-se em um pó parecido com

cimento (Fig. 8). Celestina Wapu explica que já faz a queima da casca de *Kwepi* fresca, sem a secagem no sol, conforme suas palavras: “eu queimo a casca nova mesmo, depois e misturo com a argila” (WaiWai 2019: 48).



Fig. 8A. Preparação da casca de *Kwepi*: queima.

Fig. 8B. Processo de pilar.

Fig. 8C. Já peneirado.

Fonte: Cooni WaiWai (2019).

Nas entrevistas, várias mulheres ressaltavam a importância do *kwepi* no preparo da massa, dizendo: “existe material próprio para argila”, e uma delas deu o seguinte exemplo: “Quando você faz um bolo, o que precisa para acompanhar a farinha de trigo? A mesma coisa é argila! Quando você mistura argila com qualquer tipo de material não vai dar certo, quebra” (WaiWai 2019: 32).

Processo de manufatura

Com as matérias-primas em mãos, a artesã primeiramente mistura o caraipe à argila, mecanicamente, em cima de um saco, e quando bem misturada, a massa estará pronta (Fig. 9A). A ceramista senta-se no chão com uma tábua de madeira que será usada como suporte para a construção da vasilha, a coloca na perna e começa a trabalhar na modelagem da base plana, circular e grossa. Depois de modelada, belisca no centro com o dedo, retirando um pouco da massa de argila. Em seguida, a deixa no sol por no máximo 10 minutos. Ela faz um rolete e o coloca sobre a base em três voltas, em seguida começa a raspagem com um pedaço de cuia. A artesã faz vários roletes compridos com as palmas das mãos e deixa sobre a tábua. Os rolos são sobrepostos, um a um, até alcançarem a altura

desejada da parede da panela. A peça então passará pelo alisamento e polimento interno e externo para adquirir um formato uniforme (Figuras 9H e 9I). Ao longo do processo de sobreposição dos roletes, de alisamento e polimento, a espessura das paredes vai sendo controlada para que não fiquem grossas; em geral, as paredes são finas, variando entre 0,2 mm e 0,5 mm.

Celestina Wapu WaiWai⁹ explicou: “*waraxpitu* (cua) não serve só para raspagem da vasilha, para mim *waraxpitu* serve para abrir um formato da vasilha”. As bordas são modeladas no polimento final. Após o acabamento da forma das panelas, elas são colocadas na sombra para secagem por de 3 a 5 dias, antes da queima. Essa é uma descrição geral do processo, mas o formato de cada vasilha influenciará nos detalhes importantes da sua construção. Nossa observação foi restrita à construção da *tahrem wooku yen* (vasilha de guardar bebida). Além da cua, as entrevistadas também mencionaram a semente de inajá como material próprio para o alisamento das vasilhas

9 Celestina é ceramista e moradora da aldeia Mapuera, também é mãe de Cooni WaiWai. Apesar de não ter sido entrevistada na primeira etapa de campo, em 2019 participou e ajudou bastante no entendimento dos processos de coleta de matérias-primas e produção das cerâmicas.



Fig. 9A. Produção de utensílios de cerâmica: mistura do *kuepi* no *erimó*.

Fig. 9B. Argila pronta.

Fig. 9C. Modelagem da base da vasilha.

Fig. 9D. Aplicação do primeiro rolete.

Fig. 9E. Secagem da base e bojo inferior.

Fig. 9F. Alisamento com fragmento de cuia.

Fig. 9G. Roletes do bojo superior.

Fig. 9H. Alisamento com fragmento de cuia.

Fig. 9I. Polimento externo final da vasilha.

Fotos: Cooni WaiWai (2019).

Queima

Antes da queima das vasilhas, a ceramista realiza uma pré-queima (Fig. 10A e 10B). As vasilhas são colocadas com a boca para baixo em um suporte de ferro coberto com algumas cascas de árvore, em fogo baixo. Esse processo altera a cor da argila, que de acinzentada torna-se marrom/bege. A pré-queima leva aproximadamente 45 minutos. Logo depois, as peças são levadas para a queima, sendo cobertas com a casca da

árvore chamada *marawa picho*¹⁰ e pedaços de galhos ou troncos finos, e é ateadado fogo até completar a queima (Fig. 10C, 10D, 10E e 10F). Essa lenha atinge temperatura muito alta, percebida pelas chamas e brasas. Os potes pequenos são queimados juntos, já os grandes, individualmente. Essa queima da cerâmica leva aproximadamente 12 horas, começando às 18h e finalizando por volta das 6h da manhã. Apesar de atingir temperaturas muito altas, a *marawa picho* também faz uma queima lenta e, por isso, o fogo dura tantas horas.



Fig. 10A, Fig. 10B. Processo de pré-queima.

Fig. 10C, 10D, 10E, 10F. Processo de queima.

Fonte: Cooni Wai Wai (2019).

10 Não foi possível identificar o nome em português da árvore de que essa casca é retirada.

Atualmente a decoração das panelas é feita somente com pinturas. Primeiro, é feito o desenho, com tinta de *yarka yehkuru*¹¹, que tem coloração amarela, mas quando misturada com palha de ubim queimado, torna-se preta (Fig. 11A). A tinta é aplicada na cerâmica com um palito com algodão na ponta. Depois de seca a tinta, toda a peça é recoberta com *sīpo* (resina) que é extraída de uma árvore chamada *ayawa yehku*¹² em waiwai. Os desenhos são feitos, normalmente, na parte de fora da panela (Fig. 11C e 11D). As pinturas na parte interna são feitas somente em vasilhas para a venda e utilizando o *kuuri*, que é um barro vermelho.

Atualmente, além da tinta tradicional de *yarka yehkuru* com ubim queimado, algumas mulheres têm feito a tinta a partir do líquido contido nas pilhas (Fig. 11B). Esse líquido é composto de metais pesados, como mercúrio,

cádmio e chumbo¹³. As ceramistas que usam essa tinta afirmam que ela tem maior durabilidade do que a tinta tradicional.

Quando a panela for utilizada para cozinhar, a ceramista passa uma resina chamada *maani*, que é retirada da *maani yepu*¹⁴. Essa resina é aplicada para impermeabilizar e proteger a superfície da vasilha para não se soltar, evitando que pedaços de cerâmicas ou inclusões com pedras se soltem com o calor do cozimento de alimentos. É uma forma de vedar pequenos buracos e rachaduras no barro queimado. A resina também não deixa que o cheiro de comida, principalmente da carne de caça, se fixe à panela. Ela é aplicada quente e o processo é feito rapidamente, porque pode endurecer. Em geral, poucas horas depois da queima, a pintura e o acabamento das vasilhas são feitos, e depois disso, a peça está pronta.



Fig. 11A. Produção da tinta tradicional a partir do *yarka yehkuru*.

Fig. 11B. Produção da tinta a partir do líquido interno da pilha.

Fig. 11C. Aplicação de desenho com pincel de algodão.

Fig. 11D. Peças com pintura finalizadas.

Fonte: Cooni Wai Wai (2019).

11 Não identificado o nome em português da espécie que fornece a tinta.

12 Não identificado o nome em português da espécie que fornece a resina.

13 As ceramistas não tinham conhecimentos dos riscos que a manipulação dessa substância pode causar à saúde.

14 Não identificado o nome em português da espécie que fornece a resina.

Formas das vasilhas

Por meio das entrevistas, foi observado que pelo menos em duas etnias há diferenças nas formas de nomear as diferentes vasilhas. Elisa Mooyo WaiWai chama vasilha de *tahrem*, prato de *weera*, jarra de *pimkoko* e tigela de *parakwe*. Já Maria Rosa, da etnia Hixkaryana, chama vasilha de *orynã*, prato de *weryano* e tigela de *orymako* (Fig. 12). Esse é um dado importante, pois pode indicar que além da diferença na nomeação das vasilhas, poderia também haver diferenças nas formas de fabricação. Todavia, não conseguimos identificar essas diferenças, mesmo que pequenas, assim como apontou Meliam Gaspar (2019) em sua análise sobre diversas cerâmicas Karib da região guianense.

As diferenças de formas e tamanhos estão relacionadas a sua função. Entre as identificadas,

estão: *tahrem wook yen* (vasilha para guardar bebida); *tahrem wooto tityotopo* (vasilha de cozinhar); *ahpa* (prato); *pimkoko* (vasilha de carregar água); e *parakwe* (vasilha para beber) (Fig. 12). Sabemos que existem outras formas, como as próprias mulheres indicaram, mas as que tivemos acesso foram essas. Notamos que as vasilhas de fazer e guardar bebida estavam nas casas Katwena, um indicativo que essa etnia ainda poderia manter a produção e o consumo de bebida alcoólica, prática proibida e muito recriminada após a conversão ao evangelismo. É importante ressaltar que é possível também produzir e armazenar bebidas em vasilhas de alumínio, mas tradicionalmente isso era feito em cerâmica.

Não foi possível delinear se há um tipo de vasilha feita, atualmente ou no passado, exclusivamente por alguma das etnias das mulheres entrevistadas.

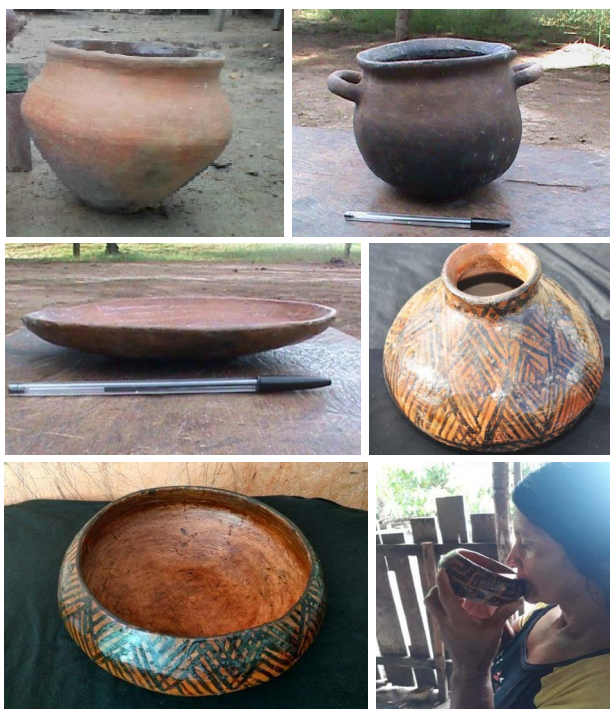


Fig. 12A. Vasilha de guarda bebidas (*tahrem wooku yen*).

Fig. 12B. Vasilha de cozinhar (*tahrem wooto tityotopo*).

Fig. 12C. Prato (*ahpa*).

Fig. 12D. Vasilha de carregar água (*pimkoko*).

Fig. 12E, 12F. *Parakwe* (é para beber).

Fonte: Cooni Wai Wai (2019).

Na casa de Acikawara vimos duas panelas de barro muito grandes, ambas com medidas semelhantes, de 80 cm de altura, 25 cm de base e 45 cm de abertura. Uma delas estava quebrada e a outra servia para guardar “bolas” de argila preparadas para uso posterior (Fig. 13A e 13C). Também havia 40 vasilhas cerâmicas pequenas, armazenadas em uma lata, que seriam vendidas por seu filho na cidade de Santarém (Fig. 13E e 13F). Além das vasilhas, foi possível conhecer outro objeto cerâmico, denominado *krawoto* (em língua waiwai), que era usado como um apito (Fig. 13B e 13D). O objeto estava na casa da ceramista Acikawara, da etnia Katwena. Ele tem 12 cm de comprimento e 4 cm de largura, possuindo dois furos laterais e um

no fundo. A ceramista disse: “antigamente, a gente usava este objeto no tempo da festa e na guerra também” (WaiWai 2019: 46). Quando questionada sobre como era usado este objeto na guerra. Ela respondeu: “Os homens que usavam para se comunicar com a outra pessoa, quando faziam o círculo da aldeia e tocavam a flauta foohh”, outra respondia: “foohh, foohh e depois começavam a atacar” (WaiWai 2019: 46).

O *krawoto* produz dois tipos de sons: grosso e fino, e pode ser usada por homens e mulheres. A ceramista disse: “sei fazer vários tipos de objetos, mas não faço agora por causa da proibição dos caciques¹⁵. Antigamente, fazia diferentes tipos de objetos, quando estávamos isolados. Fiz esses objetos só para o meu filho vender na cidade”.



Fig. 13A, 13C. Fotos da *tahrem* na casa de Acikawara Katuena.

Fig. 13B, 13D. Fotos do *krawoto* na casa de Acikawara Katuena.

Fig. 13E, 13F. Fotos das vasilhas destinadas à venda.

Fonte: Cooni Wai Wai (2019).

15 Existem várias práticas proibidas pelos caciques atualmente; elas em geral têm relação com o modo de vida tradicional anterior à conversão ao cristianismo, como produção/consumo de bebidas, poligamia, traições nos casamentos e quaisquer atividades que remetam ao xamanismo ou à guerra.

Os utensílios produzidos hoje são predominantemente menores (Fig. 16B). Isso é uma mudança recente. Antigamente, como vemos em Yde (1965) e Evans & Meggers (1960), os potes em geral tinham maiores dimensões.

O velho Kwarimna diz que antigamente existia também outro tipo de *tahrem* (cerâmica), chamada de *maxkirpa*. A *maxkirpa* era uma vasilha feita de cipó em formato de panela grande, produzida pelos homens. As panelas *maxkirpa* eram usadas no tempo de festas por serem grandes e comportar maior quantidade de bebidas. A panela era de aproximadamente 300 ou 400 litros. Dentro dela, as mulheres colocavam as folhas de palmeiras ou de banana para vedar; depois, eles colocavam as bebidas de *kaxiri* (*pucukwa*, em waiwai). Não foi possível ver ou acompanhar a produção da *maxkirpa*, por isso o relato de Kwarimna é muito valioso.

Discussão dos resultados

A chegada dos missionários e a conversão de parte dos povos do rio Mapuera, Trombetas e da ampla região das Guianas ao evangelismo ocasionaram inúmeras mudanças no modo de vida desses grupos; esses temas já foram extensamente trabalhados por Caixeta de Queiroz (2008); Dias Jr. (2005); Howard (2001) e Oliveira (2010). Em geral, esses trabalhos versam sobre as mudanças nos padrões de assentamentos (Dias Jr. 2005; Caixeta de Queiroz 2008), rituais (Howard 1993), conflito entre o xamanismo e o cristianismo (Oliveira 2010), entre outros. Nosso trabalho tem foco nas mudanças profundas de um tipo de conhecimento tecnológico e tradicional: a cerâmica. Nos últimos 30 anos, os missionários deixaram as aldeias por uma decisão dos próprios indígenas (Howard 2001; Oliveira 2010), que passaram a coordenar as igrejas locais. Apesar disso, a presença deles ainda se faz constante em algumas aldeias, levando medicamentos, itens industrializados e material de evangelização.

Nos dias atuais, os povos indígenas dessa região têm uma relação muito mais complexa com o mundo *karaiwa*, já que outros atores entraram na rede de relações dos indígenas,

como a Fundação Nacional do Índio (Funai), pesquisadores (antropólogos, arqueólogos etc.), agentes de saúde, professores, parceiros comerciais na cidade, entre muitos outros. As idas à cidade se tornaram muito mais constantes, assim como a aquisição de bens industrializados.

A diminuição da produção de cerâmica é um processo complexo; antes mesmo da chegada dos missionários às aldeias da região do Trombetas, esses povos indígenas já tinham acesso a algumas vasilhas industrializadas pelas vias das tradicionais trocas com grupos das savanas e região litorânea guianense (Barbosa 2005; Dreyfus 1993). No entanto, a presença constante dos missionários interferiu nessa rede de trocas tradicionais, pois eles traziam diretamente os itens desejados, como as panelas de alumínio e ágata, terçados, miçangas etc. Não houve uma ruptura, um “abandono” abrupto da produção cerâmica; foi um processo geracional, no qual as mulheres mais velhas ficaram com o conhecimento guardado, à medida que esse ele não era mais necessário. Sobre isso, há um trecho interessante no livro de Yde (1965):

A observação das casas e praças das aldeias Waiwái revela que chegavam potes de ferro e recipientes esmaltados. Alguns deles vieram da savana, outros foram adquiridos na missão, durante os primeiros anos de existência, várias panelas, bacias e pratos esmaltados, e alguns baldes de banheiro foram dados aos índios como recompensa pelos serviços prestados. Mas os missionários mais tarde passaram a apreciar a cerâmica feitas pelas mulheres Waiwái, e decidiram assumir uma atitude diferente. Durante nossa primeira visita eles disseram que não seriam dados mais potes aos índios, e a fabricação de cerâmica seria incentivada. Eles até geraram uma competição, distribuindo ocasionalmente pequenos prêmios para mulheres que faziam uma boa cerâmica. Desta forma, o interesse pelo antigo artesanato foi revivido, e provavelmente salvo por muitos anos. O contato com a savana é tão pouco que a importação de vasilhas de ferro adquiridas dos Uapixana não vai ameaçar a velha indústria (Yde 1965: 170; tradução nossa).

A leitura de Yde causa a impressão de que os missionários foram “responsáveis” por salvar um conhecimento ameaçado de extinção. No entanto, precisamos apontar algumas questões. A primeira diz respeito à quebra da rede de troca com os Wapixana, conforme já mencionamos. Outra questão ressaltamos é sobre o artifício utilizado pelos missionários para “salvar” o conhecimento da olaria: a competição entre mulheres com direito a premiação para as melhores. O conhecimento da olaria é registrado em vários grupos indígenas da Amazônia (Linke & Velthem 2017; Silva 2008) como uma arte que somente as mulheres mais velhas dominam – as crianças, jovens e até mulheres adultas são aprendizes em diferentes estágios. O levantamento de campo feito por Cooni WaiWai (2019) deixou evidente que não há problemas entre as mulheres e pessoas da aldeia em apontar as melhores ceramistas.

As mulheres aprendem a fazer cerâmica em casa, com suas mães, avós, irmãs.... Os homens também participam de algumas atividades, as que lhes são permitidas. Ou seja, o fazer cerâmico é um conhecimento coletivo, que toda a comunidade participa, mesmo que de diferentes formas. Uma das grandes intervenções dos missionários, não mencionada por Yde nesse trecho, foi na desarticulação importante dessa rede comunitária. Os missionários estimulam que os indígenas abandonem as casas comunais, onde viviam com suas famílias extensas, e passem a morar em casas menores, somente com as famílias nucleares (Fig. 14). Essa mudança tem a ver com a nova moralidade do período pós-conversão, que tem que negar o passado antes do compromisso com Cristo. Essa mudança provavelmente afetou e dificultou a produção e reprodução desse conhecimento, já que é uma atividade que necessita de várias pessoas envolvidas.



Fig. 14A. Casa comunal redonda na aldeia YakaYaka em 1955.

Fig. 14B. Modelo de casa construída pelos missionários que foi adotada por várias famílias nucleares indígenas.

Fonte: Foto A: Yde (1965: 153). Foto B: Fock (1963).

Outro ponto importante para se refletir é como o abandono da produção cerâmica de uso cotidiano afetou as mulheres. Aparentemente, podemos dizer que a introdução das panelas industrializadas trouxe rapidez à vida delas, como visto nas próprias entrevistas. No entanto, a reprodução de um conhecimento traz junto a reprodução de outros conhecimentos, já que aprender a fazer cerâmica fazia parte de um rol de relações entre mulheres, mães, avós, sogras

e filhas, netas e noras. Eram também locais de produção de alianças, fofocas, criação de crianças, entre outras coisas. De certa forma, a perda de saberes coletivos interessa muito no processo de conversão e evangelização, pois ao separar as pessoas por geração ou núcleos familiares, esses conjuntos de conhecimentos tradicionais vão se esvaziando. Portanto, premiar a “melhor” ceramista não é uma estratégia de valorizar o conhecimento

tradicional e coletivo, mas de apontar e separar as mulheres que estão em diferentes estágios de conhecimento e técnica e criar rivalidades, sentimentos de inveja e cisão.

Outra questão importante a se pontuar é que esses objetos, assim como com os machados de pedra, também carregavam a marca de um tempo antes da conversão. Um tempo em que doenças e questões espirituais eram tratadas pelo *yaskomo* (pajé), as festas regadas a bebidas alcoólicas faziam parte do calendário anual (WaiWai 2017) e eram importantes para estabelecer relações de aliança, casamento, comércio e até guerra (Barbosa 2005).

Em termos gerais, podemos dizer que a observação feita em campo por Cooni WaiWai, assim como o relato das entrevistas (WaiWai 2019), mostra que a cadeia operatória da cerâmica é muito semelhante ao que Yde descreveu em todas as suas etapas (coleta de argila, construção, alisamento, queima¹⁶ e decoração pintada).

Uma das diferenças mais explícitas que notamos, a partir dos dados levantados atualmente, é o abandono da decoração plástica citada por Yde (1965)

Após o alisamento, e antes que a argila fique completamente seca, alguns potes são decorados com um desenho inciso de linhas aplicadas com a ponta de uma vara pontiaguda ou com uma faca [...] os vasos decorados desta forma são relativamente raros (Yde 1965: 175).

Ou seja, a decoração plástica parece ser mais rara, mesmo no período em que Yde esteve entre os WaiWai. Evans & Meggers (1960) citam que a maioria absoluta é simples, somente poucos fragmentos com pintura e incisão. Dessa forma, podemos pensar que esse tipo de decoração já era feito com menor frequência, e nesse processo de abandono e diminuição das mulheres oleiras, foi sendo perdido. Outro

16 Yde (1965) menciona que a queima era rápida, cerca de duas horas; já WaiWai (2019) acompanhou um processo de 12 horas. Essa diferença pode decorrer de uma incompreensão linguística por parte de Yde ou a diferença de tempo se relacionar ao tamanho da vasilha queimada. Seria necessário um retorno a campo para questionar isso às ceramistas.

fator pode ter contribuído para isso: a forma mais vendida nos mercados consumidores de cerâmica para turista é de vasilhas menores (*parakwe*) e essas vasilhas são decoradas somente com pintura.

Yde (1965) também menciona que a “cerâmica decorada, a pintura parece ser mais comum entre os Waiwái, enquanto entre seus vizinhos do sul, incluindo o Mawayana, uma decoração simples em relevo é frequentemente vista” (Yde 1965: 179; tradução nossa). Essa observação nos leva a pensar que a preponderância da cerâmica pintada atualmente é indicativo de que o modo de fazer cerâmica das mulheres WaiWai foi se tornando mais comum de ser reproduzido e o de outros grupos, como os Mawayana, são menos reproduzidos.

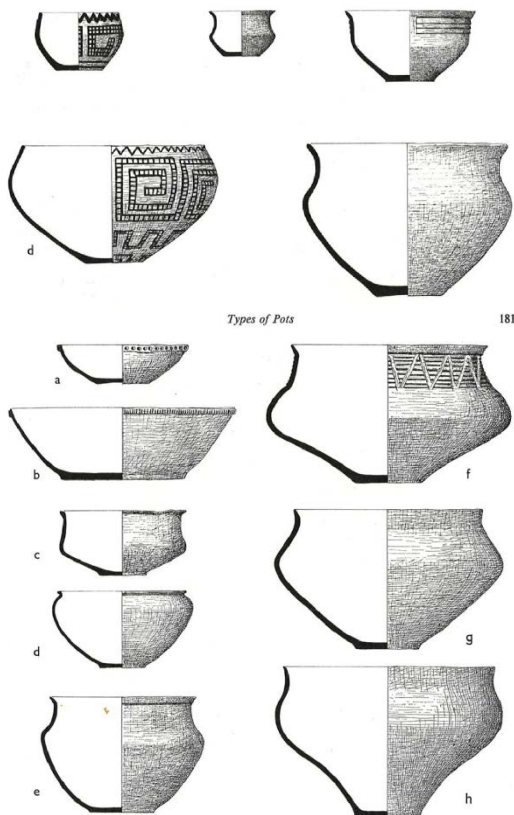


Fig. 15A. Desenhos de Yde das vasilhas decoradas waiwai.

Fig. 15B. Desenhos de Yde das vasilhas decoradas mayana.

Fonte: Yde (1965: 180-181).

Ainda sobre as diferenças relacionadas na decoração das vasilhas, podemos apontar a questão das tintas para pintura. Yde (1965) menciona a produção de tintas vermelhas a partir de fragmentos de laterita em decomposição. Na pesquisa de campo de 2019, WaiWai (2019) pôde acompanhar o processo da coleta e produção da tinta preta feita a partir de *yarkayepu* e palha de ubim, que corrobora os apontados por Yde, demonstrando uma permanência dessa produção. Apesar de serem muito comuns os afloramentos rochosos lateríticos ao longo do rio Mapuera, Celestina Wapu WaiWai não mencionou a produção dessa tinta.

Em relação às formas das vasilhas atualmente produzidas, notamos que a maioria das mulheres trabalha mais as vasilhas pequenas (*parakwe*). As maiores vasilhas observadas estavam na casa de Eliane Acikawara Katwena, as únicas com dimensões mais próximas às maiores vasilhas mencionadas por Yde (1965) (Fig. 16A). Em 2010, Jácome também registrou vasilhas maiores feitas por uma oleira katwena na aldeia Mapium (Fig. 16B). Essa mudança decorrer de dois motivos: as vasilhas pequenas são melhores para o objetivo de comercialização, pois é possível levar muitas para Santarém – viagem longa e cheia de percalços –, além de serem mais fáceis e rápidas de se produzir em “larga escala”.



Fig. 16A. Grandes vasilhas em processo de alisamento por ceramista waiwai, escoradas por galhos para manter sua forma.

Fig. 16B. Vasilha feita por oleira katwena registrada na aldeia Mapium.

Fonte: Foto A: Yde (1965: 176); Foto B: Camila Jácome (2010).

Atualmente, as vasilhas para cozinhar e produzir bebidas são produzidas mais raramente, e os pratos cozidos (peixe, macaco, veado etc.) são preparados em vasilhas de alumínio, assim como as bebidas não fermentadas (*pucukwa*).

Nas referências históricas sobre as diferenças de cerâmica, notamos que Evans e Meggers separam as cerâmicas dos Tarumã (ou Xaruma) e dos WaiWai. Já Yde (1965) aponta diferenças substanciais entre as cerâmicas WaiWai e Hixkaryana e Xerew – essas duas últimas muito semelhantes entre si. Esse autor também aponta que havia diferenças entre os potes feitos na região acima das serras, nas savanas guianenses, e os dos povos que viviam na floresta.

Sobre a nomenclatura, Yde (1965) aponta somente as palavras em waiwai, e são muito semelhantes às formas que Cooni WaiWai utiliza. Como vimos, também as ceramistas WaiWai e Hixkaryana nomeiam as vasilhas de formas distintas. *Kwarimna* relatou: “antigamente, o povo WaiWai chamava o nome da vasilha de *Pawka*, tudo mudou no tempo da evangelização. Naquela época a evangelização trouxe várias etnias diferentes para a aldeia Kanaxem na Guiana e misturou totalmente a nossa língua, cultura etc.” (WaiWai 2019: 52). Atualmente, a maioria das pessoas chama a vasilha de *tahrem* e panela de alumínio de *tenene*.

Há também uma ausência sensível entre os objetos cerâmicos produzidos atualmente, que diz

respeito aos torradores de cerâmica (*ereipo*), que já eram escassos na época de Yde (Fig. 17A), quando estavam sendo substituídos por tachos de ferro. outro objeto em cerâmica citado por Yde são

os suportes de panela, esses ainda encontrados, mesmo que raramente, em aldeias no Mapuera, sendo usados para dar suporte às panelas de alumínio e ferro no fogo de chão (Fig. 17B).

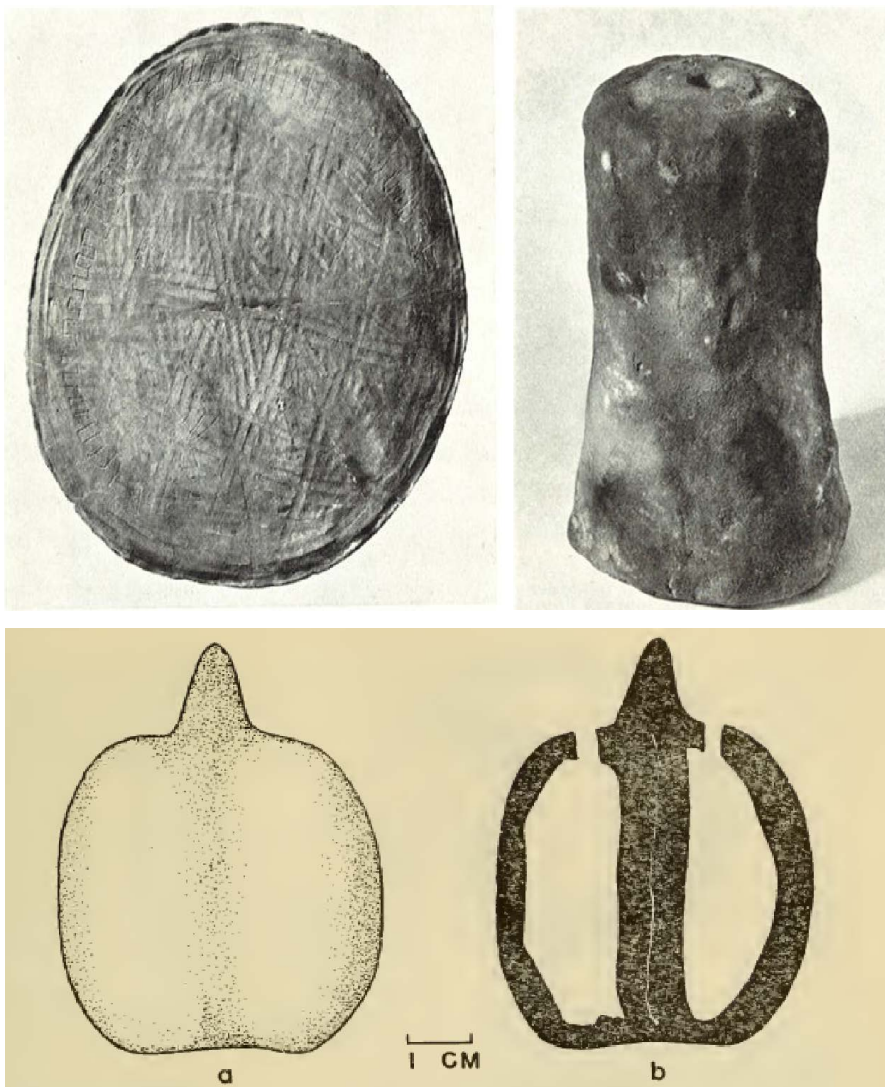


Fig. 17A. *Ereipo* (torrador).

Fig. 17B. “Cheyakáta” (grafia de Yde), suporte para panela.

Fig. 17C. Apito Tarumã.

Fonte: Fig. A: Yde (1965: 183); Fig. B: Yde (1965: 184); Fig. C: Evans & Meggers (1960: 233).

Sobre o apito, Yde (1965) não faz nenhum apontamento de instrumento musical em cerâmica, apesar de indicar grande diversidade de flautas e trompas (em casca de árvore, bambu, cabaça, concha, osso). A única peça

semelhante é encontrada na descrição e no desenho de um apito tarumã por Evans & Meggers (1960) (Fig. 17C). Essa descrição restringe-se à morfologia e tamanho da peça, não havendo nenhuma inferência de uso.

Entendemos que este trabalho se encerra em alguns limites e esperamos poder dar continuidade futuramente em questões como:

1. entender melhor o abandono da manufatura de determinados objetos;
2. observar a manufatura e decoração de diferentes tipos de vasilhas, a fim de verificar especificidades de cada processo;
3. acompanhar os processos de produção de diferentes vasilhas com mulheres de diversas etnias e registrar as diferenças linguísticas;
4. trabalhar com maior ênfase a decoração das vasilhas, plástica e pintada;
5. problematizar questões de gênero, considerando que um dos autores da pesquisa é um homem, e como isso pode afetar as informações acessadas;
6. pesquisar mitos ou histórias vinculados à produção da cerâmica.

Conclusão

Este trabalho é resultado de um grande esforço empreendido por Cooni WaiWai (2019), que buscou traduzir para o português e sua forma escrita acadêmica um conhecimento oral e tradicional WaiWai. Acreditamos que é muito importante e significativo ter um arqueólogo indígena falando sobre um tema já muito explorado por pessoas não indígenas, brancas e muitas delas estrangeiras (Evans & Meggers 1960; Jácome 2011, 2017; Yde 1965).

A experiência de campo etnográfico com as mulheres ceramistas proporcionou a Cooni

WaiWai observar e coletar informações que não foram absorvidas pelos pesquisadores *karaiwa* (Evans & Meggers 1960; Jácome 2017; Yde 1965), o que torna seu trabalho de grande contribuição para a pesquisa sobre cerâmica WaiWai. Além disso, com as entrevistas, pôde mostrar um pouco do que pensam as mulheres WaiWai ceramistas e como o conhecimento da cerâmica foi e ainda é importante para elas.

A cerâmica atualmente é um conhecimento mais circunscrito às mulheres idosas, e por isso ele passa por um risco de desaparecimento. Um dos objetivos do trabalho de WaiWai (2019) foi coletar as memórias e saberes dessas mulheres, buscando formas de contribuir para a continuidade desse conhecimento.

Agradecimentos

Agradecemos a todas as mulheres WaiWai que se dispuseram a abrir seus conhecimentos, à família de Cooni Toori WaiWai, em especial a Edimilson Toori WaiWai e Cewciripi WaiWai. À banca de TCC de Cooni WaiWai, Bruna Rocha e Raoni Valle, pelas generosas e valiosas contribuições. A Meliam Gaspar pelo apoio financeiro e disponibilização de fotos de cerâmicas WaiWai em acervos de museus. A Igor Rodrigues pela amizade e diálogo constante. Dedicamos este trabalho aos *poocos* e às *caacas* (velhos e velhas) que com seu conhecimento se tornam as verdadeiras bibliotecas dos povos indígenas do Trombetas.

WAI WAI, C.; JÁCOME, C.P. The waiwai pottery: transformations and continuities.
R. *Museu Arq. Etn.* 37: 204-229, 2021.

Abstract: This work presents some reflections on the transformations and technical continuities of the ceramic pottery of the Wai Wai ethnic group. The case study was conducted in the Mapuera village, located on the Mapuera River – a tributary of the Trombetas River right bank, in the municipality of Oriximiná (PA). Through surveying and recording, this study investigates the transformations on the way of making pottering of women from different groups, currently called Wai Wai, from the 1940s to the present day.

Keywords: Ceramics; Women; Wai Wai; Ethnoarchaeology.

Referências bibliográficas

- Barbosa, G.C. 2005. Das trocas de bens. In: Gallois, D.T. *Rede de relações nas Guianas*. Humanitas, São Paulo, 59-111.
- Boomert, A. 1981. The trauma phase of southern Suriname. *Archaeology and Anthropology* 4: 105-152.
- Boomert, A. 2004. Koriabo and the polychrome tradition: the late-prehistoric era between the Orinoco and Amazon mouths. In: Delpuech, A.; Hofman, C.L. (Eds.). *Late ceramic age societies in the eastern Caribbean*. British Archaeological Reports, Oxford, v. 14.
- Caixeta de Queiroz, R. 1999. A saga de Ewká: epidemias e evangelização entre os Waiwai. In: Wright, R.M. (Org.). *Transformando os deuses: os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil*. Unicamp, Campinas, 255-284.
- Caixeta de Queiroz, R. 2008. *Trombetas-Mapuera: território indígena*. PPTAL, Brasília.
- Dias Jr, C. 2005. *Entrelinhas de uma rede. Entre linhas Waiwai*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Dowdy, H.E. 1963. *Christ's witchdoctor*. Harper & Row, New York.
- Dreyfus, S. 1993. Os empreendimentos coloniais e os espaços políticos indígenas no interior da Guiana ocidental (entre o Orenoco e o Corentino) de 1613 a 1796. In: Castro, E.V.; Cunha, M.C. (Orgs.). *Amazônia: etnologia e história indígena*. Nhii-USP; Fapesp, São Paulo, 19-41.
- Evans, C.; Meggers, B.J. 1955. Life among the Wai Wai Indians. *The National Geographic Magazine* 107: 329-346.
- Evans, C.; Meggers, B.J. 1960. Archaeological investigations in British Guyana. *Bulletin of the Bureau of American Ethnology* 177: 1-418.
- Fock, N. 1963. *Waiwai: religion and society of an Amazonian tribe*. The National Museum, Copenhagen.
- Frikel, P. 1958. Classificações lingüístico-etnológica das tribos indígenas do Pará setentrional e zonas adjacentes. *Revista de Antropologia* 6: 113-189.
- Gallois, D.T. 2005. *Rede de relações nas Guianas*. Humanitas, São Paulo.
- Gaspar, M.V. 2019. *Arqueologia e história dos povos de língua Karib: um estudo da tecnologia cerâmica*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Glória, E.L. 2017. *A inconstância da forma: o sítio Poropu no contexto das Guianas*. Monografia de conclusão de curso. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Glória, E.L. 2019. *Espaço e tempo guianense: sobre fluidez das formas líticas e cerâmicas ao longo do rio Mapuera*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Grupioni, D.F. 2015. Os yana caribe-guianenses na região de Oriximiná: que coletividades são essas? In: Grupioni, D.F.; Andrade, L.M.M. *Entre águas bravas e mansas: índios e quilombolas em Oriximiná*. Comissão Pró-Índio de São Paulo; Instituto de Pesquisa e Formação Indígena de São Paulo, São Paulo, 134-147.
- Guapindaia, V.L.C. 2008. *Além da margem do rio: a ocupação Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Guapindaia, V.; Lopes, D. 2011. Estudos arqueológicos na região de Porto Trombetas, PA. *Revista de Arqueologia* 24: 50-73.
- Hilbert, P.P. 1955. *A cerâmica arqueológica da região de Oriximiná*. Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, Belém.

- Hilbert, P. P.; Hilbert, K. 1980. Resultados preliminares da pesquisa arqueológica nos rios Nhamundá e Trombetas, Baixo Amazonas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série Antropologia* 75: 1-14.
- Howard, C.V. 1993. Pawana: a farsa dos visitantes entre os Waiwai da Amazônia. In: Viveiros de Castro, E.; Cunha, M.C. (Orgs.). *Amazônia: etnologia e história indígena*. NHII-USP; Fapesp, São Paulo, 229-264.
- Howard, C.V. 2001. *Wrought identities: the Wai Wai expeditions in search of the "unseen tribes" of northern Amazonia*. Tese de doutorado. The University of Chicago, Chicago.
- Jácome, C.P. 2011. *Pelo rio Mapuera: reflexões sobre arqueologia e etnologia indígena na Amazônia e Guiana*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Jácome, C.P. 2017. *Dos Waiwai aos Pooco: fragmentos de história e arqueologia das gentes dos rios Mapuera (Mawtohrí), Cachorro (Katxuru) e Trombetas (Kahu)*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Linke, I.L.V.; Velthem, L.H. 2017. *O livro da argila: Ēliwë Pampila, Orino Papeh*. Iepé, São Paulo.
- Oliveira, L.V. 2010. *O cristianismo evangélico entre os waiwai: alteridade e transformações entre as décadas de 1950 e 1980*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Rivière, P. 2001. *O indivíduo e a sociedade na Guiana*. Edusp, São Paulo.
- Schomburgk, R.H. 1840. Report of the third expedition into the interior of Guayana, comprising the journey to the sources of the Essequibo to Fort San Joaquim, on the Rio Branco, in 1837-8. *Journal of the Royal Geographical Society of London* 10: 159-163, 165-190.
- Schomburgk, R.H. 1848. On the natives of Guiana. *Journal of the Ethnological Society of London (1848-1856)* 1: 253-276.
- Silva, F.A. 2008. Ceramic technology of the Asurini do Xingu, Brazil: an ethnoarchaeological study of artifact variability. *Journal of Archaeological Method and Theory* 15: 217-265.
- Silva, F.A. 2009. A etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas* 4: 27-37.
- WaiWai, J.X. 2017. *Levantamento etnoarqueológico sobre a cerâmica Konduri e ocupação dos WaiWai na região da Terra Indígena Trombetas Mapuera (Pará, Brasil)*. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal de Oeste do Pará, Santarém.
- WaiWai, C. 2019. *A cerâmica waiwai: modos de fazer do passado e do presente*. Monografia de conclusão de curso. Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém.
- Yde, J. 1965. *Material culture of the Waiwai*. The National Museum, Copenhagen.